

## LEITURA DO IMAGINÁRIO: EDUCAÇÃO DO OLHAR

Rubens Tavares<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo discute as relações entre imagem, história, a apropriação da memória e a utilização de imagens com a função de ora educadoras do senso crítico ou ora como encobridoras de tempos e espaços históricos. Toda imagem deve ser lida dentro dos seus contextos, bem como os simbolismos que representam momentos históricos que se passaram ou passam na sociedade. Pode-se perceber isso na história que faz uso do cotidiano, sejam em livros, revistas ou materiais didáticos, como também quando essas imagens que ajudam a construir o imaginário estão no cotidiano, seja nos grafites que utilizam o muro como quadros abertos, como afirma Umberto Eco, em uma “obra aberta” que expõe as imagens de nossas cidades e ajudam a entender os problemas. A realidade dentro da realidade, como a desconstrução de uma e a construção de outra, a “matriz” da razão Platônica. Ou ainda, espaços que eram depositários de memórias coletivas e individuais como, por exemplo, a fundição Muller, que a princípio era o espaço da luta de classes, do enfrentamento do capital versus trabalho, mas acaba sucumbindo e transforma-se no espaço do consumo, da alienação, da mercadoria, onde tudo que era memória esvoaça-se e “desmancha no ar”. Analisar esses espaços como construções e portadores de memórias individuais e coletivas e lê-los como tempos de persistência da memória que foram encobertos por anos e anos de camadas ideologizadas, que precisam ser desconstruídos numa arqueologia das imagens para que o olhar seja educado. Para isto, faço uma reflexão sobre o papel da escola, de educar os alunos a observá-los com outros olhos e outras percepções. E que estas novas leituras criem espaços de educação do nosso olhar.

**Palavras Chave:** imaginação, (educação da) imagens, simbolismo, representação.

“Será possível uma educação do imaginário? Hoje, mais do que nunca, esta questão reflete um desafio de extrema importância. O sistema educativo poderá transformar-se num espaço de aprendizagem da prática e do respeito pelo imaginário?” (Bruno Duborgel).

---

1 Graduação Universidade Federal do Paraná- Filosofia-Professor de filosofia da Faculdade de Campina Grande do Sul- FACSUL- Curso de Pedagogia, Professor do Colégio Estadual do Paraná – Especialização em Ciência Política- Moscou- URSS

O século XX iniciou-se marcado por lutas de apropriação das imagens que foram utilizadas para enaltecer ou criticar fatos, movimentos, acontecimentos, quando a “galáxia de Gutenberg<sup>2</sup>” vai ser utilizada como nunca. Essas apropriações enalteceram ou fizeram críticas a épocas, estilos de vida que deixavam de existir, como a da “Belle Epoque”, ou das imagens da Rússia revolucionária, que transpõem fronteiras e atingem “mentes e corações” do conflito armado de 1914-1918. Seu final será marcado também por lutas de apropriação das imagens, também utilizadas agora em escala planetária para divulgar imagens, com fins propagandísticos, políticos, éticos, ideológicos, comerciais. Também com a chegada do homem à lua, a guerra do Vietnã, o ícone do revolucionário na imagem de “Che” Guevara, a derrubada do Muro de Berlin, as lutas ecológicas do Greenpeace, a arte de rua das grandes cidades (grafites) onde o muro expressa o imaginário jovem urbano. Ou simplesmente para divulgar produtos de consumo, estilos de vida como, por exemplo, o “american way of life”. As imagens passam a ser utilizadas sempre numa mão de via dupla para encobrir realidades e alienar vontades e desejos, divulgar manifestações ou despertar consciências.

Já o século XXI é o século das imagens, nos “facebook” e outras redes sociais, dos “blogs”, dos vários instrumentos de imagens da internet, nas inúmeras revistas, dos variados jornais, dos programas políticos, dos projetos educacionais. As imagens são utilizadas largamente, cotidianamente, nos *outdoor*, nas vitrines de lojas, em pontos de ônibus. Contudo, sem serem lidas, entendidas ou compreendidas nas suas dimensões filosóficas, estéticas, éticas, políticas e estruturas antropológicas, arrisco a conjecturar que apesar de utilizarmos as imagens no nosso cotidiano, acabamos por nos tornar “analfabetos”<sup>3</sup> visuais quando se trata de fazermos suas leituras.

Somos induzidos a não perceber as imagens e fazer suas leituras, como por exemplo, os *Shoppings Center*, os quais expressam a representação de espaços de consumo, ícones do capitalismo, que aliam a diversão, alimentação, consumo de produtos num mesmo espaço: as praças de alimentação e seus *fast food* de rápidas refeições sem gosto, aroma, e identificação a qual cultura pertence os cinemas de entretenimento apenas de filmes, na maioria das vezes, de linguagem simples, utilizando doses de

---

2 A *Galáxia de Gutenberg* é utilizada aqui com denominação metafórica para a sociedade dominada pela mecanização da impressão tipográfica da escrita (a partir do século XV), utilizada maciçamente na impressão de livros (que outrora eram feitas manualmente pelos copistas), na revolução que a tipografia; as tecnologias especializadas possibilitaram não mais um livro, revista, jornal, mas milhares, milhões. E também alusão ao livro de Haroldo de Campos, *A máquina do mundo repensada*.

3 Utilizo essa expressão baseando-me no relato de Alberto Manguel no seu livro *Lendo Imagens*, quando:” o crítico inglês de arte John Ruskin reagindo com ira esclarecida contra o conformismo de sua época proferiu uma palestra no Rusholme Town Hall (...) eu afirmo que os senhores desprezam a arte! (...) como eram incapazes de ler as imagens que a arte tinha a lhes oferecer, ele acusou seus contemporâneos de serem também moralmente analfabetos.”

violência, heroísmo, sentimentalismo, argamassados por cenas de intimidade, amor e finalmente da redenção dos “bandidos” ou sua total demonização; as lojas e suas vitrines que exibem as novas marcas, novas tendências, tudo disposto e perfeitamente ordenado, pronto para os clientes ávidos de consumo. Esses espaços são não memórias, construídos apenas para consumirmos e nos emocionarmos rapidamente, para, depois, retornarmos ao consumo, à alimentação do consumo.

Desses espaços bem lembrou Saramago, no livro *A Caverna*, quando seu personagem Cipriano Algor tem seus produtos rejeitados por expressarem um tempo que não existe mais, *“queira dizer; o universo de clientes sobre o qual viria a incidir o inquérito ficou definido à partida pela exclusão daquelas pessoas que pela idade, pela posição social, pela educação e pela cultura, e também pelos seus hábitos conhecidos de consumo, fossem previsível e radicalmente contrárias à aquisição de artigos deste tipo.”*<sup>4</sup> Esses espaços são ilusões do real, nos quais a temperatura interna não é igual à temperatura externa, assim como as vitrines, os consumidores, a disposição do espaço e do próprio tempo. Pertencem a um mundo *fake*, o mundo da *matriz*, como talvez dissesse “Morpheus<sup>5</sup>” aos novos *neos*: “bem vindo ao deserto do real”<sup>6</sup>!

Um desses exemplos é o Shopping Estação (Curitiba):



Esse espaço reúne a memória e as imagens da antiga estação de trem, ligadas à extinta RVPSC (Rede Viação Paraná Santa Catarina), ícone do operariado, suas lutas, seus sonhos e utopias<sup>7</sup>. A estação de trem onde embarcavam passageiros movidos

4 Saramago, José. *A Caverna*. São Paulo: Companhia das Letras, pág., 290.

5 “Morpheus” (ator Laurence Fishburne) o líder da resistência contra a Matrix, no filme do mesmo nome, cujo nome refere-se a um dos mil filhos de Hipnos (sono). Cabia-lhe aparecer sob a forma (em grego *morphé*=forma) de seres humanos e apresentar-se às pessoas adormecidas durante os sonhos destas. E no filme sua função é ao contrário, ou seja, levar ao despertar do sono.

6 Frase pronunciada por Morpheus (representado pelo ator Laurence Fishburne) no filme *Matrix*, para Thomas Anderson (representado pelo ator Keanu Reeves, um programador de sistemas que durante o dia trabalha numa corporação de software, a MetaCortex, uma das maiores empresas de software do mundo, e que durante a noite assume o papel de um hacker, adotando o nickname Neo, quando é recepcionado depois de sair da Matrix).

7 Uma boa análise encontra-se no livro de Jacques Rancière, *A Noite dos Proletários*, Companhia das

também por sonhos e desejos de conhecer “serra abaixo”<sup>8</sup>, o subúrbio e seus passageiros trabalhadores que voltavam para suas casas depois de um dia de longo de trabalho, espaços de memórias de suor e lágrimas. Espaço real e simbólico da luta entre o capital e o trabalho, a antiga estação perdeu-se na memória quando foi incorporada e apagada da memória pelo grande espaço de consumo, suscitador de desejos de mais consumo. Venceu o capital e seus símbolos, venceu a *lethe*<sup>9</sup> e suas imagens. Mas para não apagar de todo a imagem a qual a antiga estação representava, preservou-se a sua fachada, para dar um ar de *art nouveau*, de coisa antiga lado a lado à modernidade de ferros, acrílicos, plásticos. E ainda para não se apagar totalmente, preservou-se um museu para que os atuais consumidores transeuntes apenas olhem como foram às antigas estruturas da velha estação e depois se dirijam às lojas, às compras, às praças de alimentação ou ao cinema de entretenimento, esquecendo o que viram antes.

Isto aconteceu também com a antiga fundição dos irmãos Mueller<sup>10</sup>, atual Shopping Mueller. Deste nem a preservação de sua memória foi feita. Numa sociedade hegemônica pelo capital, importa consumidores e não cidadãos, imagens retorcidas, transformadas, usadas para confundir, enganar, deseducar.

Assim acontece quando percorremos as ruas, praças, escolas e não percebemos as suas imagens e fazemos suas leituras. Estamos acostumados a andar, percorrer esses lugares não prestando atenção em seus símbolos, que se remete a imaginários coletivos e individuais. Os painéis de Poty<sup>11</sup> são um exemplo disso. Do grande mural da Praça 19 de Dezembro até o grande painel atrás da Catedral Metropolitana, todos os dias milhares de transeuntes passam perto deles, mas poucos os observam e ainda raríssimos param para fazer uma leitura e, quiçá, uma análise de seus temas e propostas.

---

Letras, 1988.

8 O imaginário de descer de trem, até Paranaguá, e nesse caminho percorrido as imagens do bolinho de graxa, do sanduíche de mortadela, dos bilhetes picotados, das estações, da casa do engenheiro, dos marumbinistas.

9 Aqui usada no sentido do esquecimento do (grego antigo Lete ou Lethe) literalmente significa "esquecimento". Seu oposto é a palavra grega para "verdade" - alétheia (ἀλήθεια).

10 Refere-se à antiga fundição Marumby dos irmãos Mueller que funcionava na estrada do Assunguy, hoje esquina das ruas Mateus Leme com o Barão de Antonina.

11 Napoleon Poty Lazzaroto desenhista, gravador, muralista, ilustrador e professor, artista paranaense.



Nesse painel da Praça 19 de Dezembro, os de azulejos contam a história do Paraná, não de forma linear, mas com uma leve curva<sup>12</sup>, pois a história não se faz num movimento retilíneo, mas de rupturas e continuidades. O que mais impressiona é que o painel se encontra diante de uma escola e também de pontos de ônibus, símbolos do saber sistematizado - escola - e do popular - ponto de ônibus. Também se pode pensar que o painel encontra-se diante desses dois espaços simbólicos para dizer que a história do Paraná se faz com o povo e o saber e que ambos são parte integrantes dessa história e não estão dissociados dela, ou seja, encontram-se não somente representados nela, mas pertencentes a ela. O painel encontra-se na praça por ser esta um espaço de encontros entre imaginários populares, da representação do espaço público, dos comícios, dos bancos dispostos para o descanso após um dia de trabalho intenso, de se ficar apenas exercendo o direito ao ócio, um espaço de construções de memórias coletivas e individuais.

---

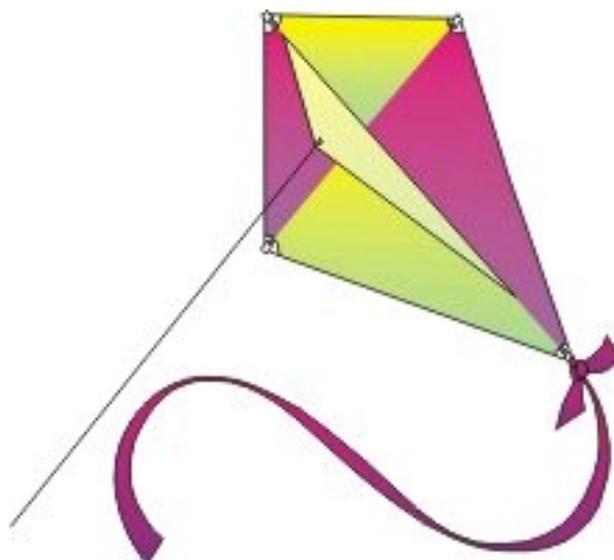
12 A estrutura do painel, sendo em uma leve curva pode nos levar a pensar que a história não segue continuamente como um fluxo entre o passado e o presente, como queriam os positivistas, mas permite-nos pensar em uma compreensão da história feita de rupturas entre o presente e o passado.

Outro painel de Poty encontra-se atrás da Igreja Metropolitana:



Mais uma vez de frente para pontos de ônibus e, antigamente, de frente também para antiga sede da Cinemateca (espaço da preservação da memória sonora, auditiva e visual) e atrás uma instituição de ensino. Mais uma vez o simbolismo presente entre o espaço popular e o escolar. Nesse painel encontra-se retratada Curitiba e seus símbolos, como a galha azul, o pinheiro, as casas polonesas, e a Curitiba moderna, dos tubos do ônibus expresso (o tubo é a representação da modernidade via acrílico), dos arranha céu, dos carros. Uma Curitiba do passado que se encontra com seu presente, um tempo presente e seu passado, unidos por um fio condutor.

O fio condutor é um menino soltando pipa: ele a solta do passado.



Mas projeta-se no presente através do barbante que a empina, possibilitando seu voo sobre a Curitiba presente. Dessa maneira, passado e presente como também presente e passado são unidos pela pipa moderna e antiga, que não se encontram mais no centro<sup>13</sup> da cidade, mas permanece nas suas franjas<sup>14</sup>. São essas imagens que ao não fazermos a leitura, não percebemos seus significados, seus imaginários e simbologias, acabamos apenas passamos diante delas sem ver que estão a falar de tempos, memórias, símbolos que marcaram nossas memórias individuais e coletivas. Outro fio condutor no painel é a figura de um tatu que sai de um passado (através de uma toca) para aparecer embaixo de um tubo de ônibus (acrílico presente).

O espaço escolar também possui inúmeras imagens que precisam ser lidas à luz do nosso século, desde as carteiras, inadequadas para o tamanho da nova geração, até o olhar sobre sua arquitetura, visando o rompimento com a imagem de prisão, quartel, hospital, que tanto Foucault criticou como espaços da disciplina dos corpos, sua vigilância e punição<sup>15</sup>. Precisamos entender por que os alunos grafitam suas carteiras, colocam adereços em seus uniformes. Será que não estão tentando dizer que ninguém quer ser homogêneo, que a diferença é fundamental? Perceber isso pode auxiliar no diálogo mais aberto, com menos normas e mais escolhas. As escolas precisam reler seus símbolos, pois como o início do século XX marcou o fim de uma época o início do século XXI precisa ser visto como o século da educação do olhar através da leitura das imagens. Que podem ser trabalhadas analisando as imagens de corredores, do pátio, das salas de aula, de como os alunos se expressam na apresentação de trabalhos, nas imagens da

13 Aqui utilizo a ideia popular de centro da cidade como as antigas áreas de comércio e lazer ao longo da rua XV de novembro.

14 O termo franja utiliza-se no sentido dos bairros mais distantes, o subúrbio (termo pouco utilizado pelos curitibanos quando se refere aos bairros mais distantes).

15 Foucault, Michel. Vigiar e Punir. Petrópolis: Vozes, 1997.

sala dos professores, nos uniformes, na análise dos grafites desenhados nas carteiras pelos alunos como marcas de sua passagem<sup>16</sup> e nomeação do objeto o qual iram conviver por um período escolar. A arquitetura da escola e seus referenciais simbólicos analise, de fotográficas com temas propostos antecipadamente.

A escola deve proporcionar aos alunos, professores, funcionários e todos aqueles que diretamente façam parte da complexa comunidade escolar, que façam essas leituras, quando percorrerem seus corredores, ao olharem as salas de aula, o espaço escolar e suas múltiplas arquiteturas, que percebam que a escola é permeada de uma simbologia podendo se transformar em espaços de alienação ou conscientização. E ao procurem analisá-la sob o prisma de uma educação do olhar, que tenham por princípios educativos a desalienação dos sentidos e a construção de pensamentos com maior rigorosidade na análise dessas imagens, buscando constantemente o aprimoramento crítico, intelectual, estético e político.

E, finalmente, o espaço escolar precisa ser recodificado, reinterpretado, possibilitar uma releitura de seus símbolos, imagens como espaços de formação integral do cidadão. Um espaço em que se confrontam desejos individuais e coletivos, de liberdade, participação, representação, os quais estão ligados às imagens, simbologias. Assim, que a escola possa contribuir significativamente para que possamos perceber a cidade, a rua, a praça, a escola, como espaços de construção da cidadania do olhar.

E a educação e os espaços escolares são fundamentais para estes novos olhares, que devem permear toda a estrutura educacional incorporando os vários sujeitos, sejam representantes e participantes de projetos coletivos ou individuais, professores, estudantes, comunidade escolar, agentes educacionais, corpo pedagógico ou direção. Pois todos são participantes como novos atores dessas transformações. São esses fragmentos de imagens da memória, essas imagens imperceptíveis que devem ser percebidas para além do conhecimento empírico dos nossos sentidos. E que aos percebê-las como formadora de nossos imaginários estéticos históricos e filosóficos possa educar o nosso olhar para horizontes mais críticos e menos fatíveis às imagens ideologizantes, alienantes impedidoras de desenvolver o nosso senso filosófico crítico.

---

16 As marcas nas carteiras são maneiras de se fazerem ouvir, deixar suas marcas apropriar-se do público como objeto particular. Esses grafites são vozes “mudas” que nem o espaço escolar e nem a sociedade quer ouvir muito menos abrir espaços de manifestações deles.

## Referências

CAMPOS, Haroldo de. *A Máquina do Mundo Repensada*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DUBORGEL, Bruno. *Imaginário e Pedagogia*. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 1992.

DURANT, Gilbert. *O Imaginário Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1994.

\_\_\_\_\_ *AS Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_ *A imaginação simbólica*. Portugal – Lisboa: Edição 70, 1993.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1977.

\_\_\_\_\_ *As Palavras e as Coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GIANNOTTI, J.A. *O jogo do belo e do Feio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

KURY, Mário da Gama. *Dicionário de Mitologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

MANGUEL, Alberto. *Lendo Imagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. São Paulo: Editora 34, 2005.

RUIZ, Castor Bartolomé. *Os Paradoxos do Imaginário*. Rio Grande do Sul: Editora Unisinos, 2004.

SARAMAGO, José. *A Caverna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, Armando. *Imaginários Urbanos*. São Paulo: Perspectiva; Bogotá, Col: Convenio Andres Bello, 2001.

VOVELLE, Michel. *Imagens e Imaginário na História*. São Paulo: Ática, 1997.

ZIZEK, Slavoj. *Bem vindo ao Deserto do Real*. São Paulo: Boitempo, 2003.